

IV RELATOS E RELIDOS

Era magra, baixa, morena clara, cabelos sempre guardados em um pano branco, trajava, infalivelmente, um vestido também branco, levemente franzido na cintura; e na mão, como amiga inseparável, trazia uma vara que metia medo na gente. Talvez até uma alma do outro mundo, agitando o pensamento das crianças, numa cidade rondoniense, acolá.

Quem era realmente Maria Pereira, ninguém me respondeu. Mas se querem provocar um alvoroço, é só perguntar aos moradores mais antigos: - Você conhece Maria Pereira? Então as lembranças afloram-se e todos passam horas e horas revelando o que sabem: ora entre sorrisos, ora com certo ar de mistério ou uma pequena ponta de medo, os feitos de Maria Pereira, misto de magia e loucura, são relembrados um a um.

As revelações das crianças e dos adultos que a conheceram são as mais diversas e incríveis.

Sem destino traçado, dizia ela ser portadora de uma missão. Se de Deus ou do Diabo, ninguém sabe... Ignorava qualquer espécie de vínculo familiar. Sem barreiras e sem normas que lhe orientassem, transcorria naturalmente sua caminhada. Seus pés, pequenos e mágicos, equilibravam-se nos balaústres de cerca, um a um. Fazia proezas de causar inveja a qualquer moleque que se preze. No entanto, nenhum adulto lhe dispensava proteção e isso lhe colocava em ponto de vantagem com as crianças, que a perseguiam de longe atirando-lhe pedradas. Irritada, Maria Pereira ameaçava capá-los. Por isso, qualquer proximidade era tida como um perigo "máchal" pelos meninos. Afinal qual era o menino-homem que queria deixar de sê-lo?

Enquanto viveu, a diversão preferida de Maria Pereira era andar pelos mais sinuosos caminhos, morros, montes de terra e principalmente os caminhos da construção da BR-364. Procurava estradas que não existiam. De supetão, pulava as janelas das casas, surpreendendo as crianças que de pavor choravam e corriam em busca de abrigos mais seguros: em baixo das camas, nos porões, nos paióis de milho, etc.

Num ritual rodopiado, feito redemoinho desorientado, dizia estar espantando os males e ainda andava pelas paredes numa ginástica sem igual para sua idade. Quando tinha fome e sede, não se apertava: entrava em qualquer casa e fazia suas refeições mesmo que não fosse bem vinda. O transtorno maior era quando cismava em pernoitar. Todos entravam em polvorosa! Até os adultos. Jamais ousavam impedi-la ou contrariá-la. No pernoite, ninguém pregava os olhos, nem mesmo ela, pois não os fechava para dormir. Aliás, nem se deitava. Sentada, segurando os joelhos com as mãos e apoiando o queixo sobre eles, repousava algumas horas. As crianças safavam-se para os vizinhos com certo receio de ainda encontrá-la por lá. Que nada! De Maria Pereira só haviam ficado os rastros nos lençóis limpos, agora imundos de chão.

"Ela se disfarçava de árvore para se esconder da gente", disse-me certa vez um garoto. Maria Pereira foi muitas coisas ao mesmo tempo ou um pouco de tudo. Equilibrista?! Ah! Isso era... e das boas. Devota? Mística? Ninguém ousava negar. Frequentava às missas aos domingos, pegava a hóstia, mas não a tomava. Guardava. Pra quê? Pra feitiço de bruxa!??? Fada eu sei que era. Foi até madrinha de duas crianças que se perderam na mata. Imaginem... amamentou no seio a menorzinha! Bruxa ou mágica, ia de uma cidade a outra sem usar a estrada. Se transportava por obra e magia, num piscar de olhos e lá estava ela, a 100 quilômetros de distância.

Seu jeito livre causava inveja nas crianças do lugar. Sem lenço e sem documento, Maria Pereira fazia de sua vida um mistério... alvo de olhares temerosos, inseguros e curiosos devido a certos poderes que possuía.

Por essas e outras razões, Maria Pereira era o terror da meninada, que não encontrava outra explicação para o seu comportamento, tão fora do comum, que o da bruxaria e da feitiçaria, além da loucura ou do encantamento de fada.

Ouvi dizer que Maria Pereira já morreu, coisa que nenhuma criança de lá tem certeza. E nem eu. A única certeza que tenho é que as bruxas e as fadas não morrem e que Maria Pereira continuava viva na memória daquelas pessoas, povoando sonhos e medos de cada criança, de cada adulto que a conheceu. Quem garante que ela não esteja por ali, disfarçada de velha bondosa, moça bonita, ou de árvore, como era seu costume?

Tirei a história de Maria Pereira de um baú que trouxe na mudança. Tal lembrança me fez retroceder no tempo, vasculhar a memória... Naquele tempo em que tudo era possível e a televisão ainda não tinha invadido a imaginação das pessoas. Tempo em que, nas noites quentes, sentávamos na varanda ou no terreiro à sombra da lua cheia e em noites frias acomodávamo-nos no rabo do fogão à lenha para ouvir as histórias que os mais velhos nos contavam "com verdade e com graça". Nossos olhos, arregalados de medo e brilhados de espanto, viam e ouviam, com detalhes, tim-tim por tim-tim. É que naquela época adulto não falava mentira. Isso era coisa pra criança, os pequeninos que acreditavam no Saci, no Curupira, no Lobisomem, na Mula-sem-cabeça e outros personagens fantásticos, lá das bandas das Gerais que colocavam um pouco mais de fantasia na nossa vida interiorana.

Correu a vida... Cheguei a pensar, por algum tempo, que essas coisas tinham acabado. Recordando Maria Pereira, a lembrança me trouxe de volta histórias e personagens com os quais convivi quando criança: O GASPAREU CAIO, A VELHA E O MACACO, recontadas por Ricardo Azevedo e mais alguns livros de Joel Rufino que "reli", pois já eram meus velhos conhecidos. Histórias antigas que eu já não lembrava mais, agora possíveis de serem recontadas a meus filhos através dos livros.

Maria Luzia Godoi Navarrete
Aluna de Letras - UNIR